



FRITZ MÜLLER UM PRÍNCIPE DA NATUREZA

Duílio BATTISTONI FILHO

A ciência brasileira pôde contar, no século XIX, com o trabalho de inúmeros naturalistas que aqui vieram com o propósito de estudar a nossa fauna e flora. E um deles foi o alemão Fritz Muller, natural da aldeia de Windischolzhausen, perto de Erfurt, onde nasceu em 31 de março de 1822. Menino ainda freqüentava a botica de um avô e observava a conversa dos mais velhos. A verdade que a botica daquele tempo, estava longe de alcançar uma categoria que pudesse chamar científica. Ao lado de drogas presumivelmente curativas, vendiam bebidas alcoólicas misturadas a extratos vegetais, que os fregueses vinham tomar ali mesmo, no balcão, como numa taberna. Os aprendizes manipulavam plantas e raízes de acordo com fórmulas em boa parte remanescentes da farmacopéia medieval.

Movido pela curiosidade freqüentou o curso de farmácia, mas sua meta era cursar Medicina na Universidade de Berlim, na qual estudou somente um ano por achá-la muito agitada para o seu gosto. Por isso, resolveu transferir-se para a Universidade de Greifswald, mais aprazível, às margens do Báltico, na Pomerânia, onde se formou. Paralelamente à Medicina sentia uma profunda paixão pela natureza, pois a Botânica e a Zoologia o atraíam sobremaneira. Mesmo depois de formado em Medicina diria que o seu estudo teve pouca aplicação posterior.

Havia nesses anos grandes discussões políticas, religiosas e sociais que o influenciaram profundamente. Tanto é verdade que participou da corrente filosófica da esquerda hegeliana e do movimento democrático que queriam derrubar a monarquia. Contudo, ficou profundamente amargurado com a derrota de 1848 que fortaleceu o poder monárquico.

Decepcionado, mostrava desejos de deixar o país. Corriam histórias fantásticas sobre o acesso fácil à riqueza do Novo Mundo. O europeu médio estava fascinado pela miragem dos trópicos. Na Inglaterra, companhias para a exploração de minas, estavam sendo formadas, cujo objetivo principal era a América do Sul. Mas nem só imperava o interesse material. O movimento *Sturm und Drang* criou na Alemanha um clima propício a essa fuga para o desconhecido. Fritz conhecia Alexander von Humboldt e ficara fascinado quando este naturalista realizou uma célebre viagem à América do Sul. Também Karl von Martius figurou com destaque nesse rol de admiradores pioneiros.

Em 1852 finalmente Fritz resolveu vir para o Brasil, pois tinha conhecimento de uma colônia alemã no Vale do Itajaí, fundada pelo Dr. Hermann Blumenau, em Santa Catarina. Recém-casado veio a bordo do veleiro *Florentim* com a esposa Karoline e uma filha. Com ele veio seu irmão August. Depois de três meses de viagem chegaram afinal ao que seria no futuro a cidade de Blumenau.

Os irmãos Muller ficaram provisoriamente hospedados na casa do Dr. Blumenau, a melhor da colônia, não fosse ele o seu chefe e fundador. Depois de breve descanso, imediatamente os dois irmãos se entregaram a um duro trabalho braçal a que não estavam afeitos. Derrubar árvores era uma atividade perigosa, além de cansativa. Pouco tempo depois, puderam construir suas casas, em lotes pequenos que tinham recebido. Inicialmente, Fritz como médico atendia os companheiros de aventuras não cobrando honorários; mas como perdiam muito tempo nas viagens pelos rios ou pelas picadas, aceitavam algum presente, que podia consistir em verduras e legumes, uma galinha, um pato ou leitão, conforme o trabalho.

Dois anos depois da chegada, os irmãos Muller venderam seus lotes e compraram outros na margem do Itajaí, num lugar de terras melhores. Ali Fritz construiu uma nova casa mais confortável. Instalado na nova residência começa a estudar alguns espécimes da flora e da fauna que mais lhe despertavam interesse e curiosidade. E por essa época deixa crescer uma barba imponente. Para o trabalho científico dispunha apenas

de um pequeno microscópio que ganhara de presente de um antigo professor.

Aos poucos, as relações com o Dr. Blumenau ficaram tensas por causa do conservadorismo deste e pelo seu áspero temperamento. Temia que Fritz conquistasse os colonos com suas idéias materialistas e anti-religiosas. Em vista dessa situação, Fritz partiu, em 1856, com sua família para Desterro (hoje, Florianópolis), capital da província, onde se dedicaria ao magistério, ensinando matemática e história natural.

Ao lecionar no Liceu Catarinense, ganhou a simpatia de todos, pois suas aulas eram movimentadas, divertidas e gostava de fazer boa pilhéria. Um de seus alunos foi um negro e que seria o futuro poeta Cruz e Souza, a maior expressão do Simbolismo brasileiro.

Foi no período do Desterro que ele tomou conhecimento da obra capital de Charles Darwin, *A origem das espécies*. Já admirava o sábio inglês pelo relato da viagem exploratória a bordo do *Beagle*, que contribuía para a sua ânsia de conhecer o mundo tropical. Entusiasmado com o livro, resolveu dedicar-se a comprovar as teorias darwinianas, usando os escassos meios de que dispunha. Escreveu seu único livro *Für Darwin* (Pró Darwin) que tinha apenas 92 páginas, tomando como ponto de partida os crustáceos, comparando os tipos superiores e inferiores, como também os apêndices de machos e fêmeas.

Na Inglaterra Darwin ficou sabendo da existência do livro e recebeu um exemplar de Fritz. Teceu os maiores elogios ao alemão e estendeu-se em comentários sobre pormenores científicos. Assim teve início uma correspondência amistosa entre ambos. Há alguns aspectos curiosos nessas cartas, como aquele em que Darwin aconselhava Fritz a tomar cuidado com a sua saúde e se proteger das constantes enchentes de Blumenau. Essa correspondência durou até a morte do sábio inglês, em 1882.

Darwin promoveu a tradução do livro, que saiu em Londres, em 1869, com o título de *Facts and arguments for Darwin* (Fatos e argumentos em favor de Darwin). O livro de Fritz projetou-o nos meios científicos europeus. Na Alemanha, onde o darwinismo encontrava forte resistência,

a obra do obscuro naturalista expatriado teve intensa repercussão. Trouxe uma fundamentação valiosa ao evolucionismo e contribuiu para desencadear uma verdadeira orgia filogenética e ao conhecimento da embriologia dos vertebrados.

Por razões políticas como a mudança do governo da província e atritos com a igreja católica, fizeram com que ele retornasse sua casa no Vale do Itajaí, depois de onze anos lecionando no Desterro. Encontrou um núcleo urbano inteiramente diferente. Aumentara o número de casas de comércio e de pensões para hospedar os recém-chegados. O grande fator do desenvolvimento econômico da colônia era sua poderosa indústria madeireira.

Fritz prossegue sua tarefa de pesquisador, até porque para isso recebia um ordenado do governo provincial, de cinquenta mil réis, já que estava vinculado ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Nesse período fez algumas de suas observações científicas mais importantes, sempre a pé ou a canoa, pois detestava andar a cavalo. Estudou a natureza viva, em contraste, com a ciência de laboratório, como os sambaquis, as plantas leguminosas e fez observações que vão da vulgar bananeira à requintada orquídea.

As coisas ficaram mais difíceis a partir de 1874, quando o governo provincial interrompeu o pagamento do pequeno ordenado que continuara enviando ao professor, a título de financiamento de suas pesquisas científicas. O naturalista ficou desgostoso lamentando que *no futuro minha atividade de botânico se limitará a derrubar árvores e capinar minhas roças de milho e o meu trabalho de zoólogo estará reduzido a retalhar um porco para a cozinha*. Porém, na qualidade agora de naturalista itinerante do Museu Nacional faz expedições para além dos contrafortes da serra onde ficavam os campos curitibanos, cujo clima agradável era ideal para o surgimento de uma flora diferente. O pesquisador realizou outras expedições em 1877 e 1878, notadamente a Dona Francisca (Joinville), São Francisco e São Bento do Sul.

O doutor Muller era muito comedido; evitava discussões, não ligava para os assuntos domésticos, vivia apenas para os seus estudos,

para as suas plantas. Andava quase sempre descalço e em mangas de camisa.

O novo Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, ao qual estava subordinado o Museu Nacional decidiu que os naturalistas viajantes deveriam obrigatoriamente ter residência na capital da República. Muller não concordou e pediu demissão. Assim mesmo, foi convidado, pela sua autoridade moral e sua disposição para a luta, a assumir a superintendência (prefeitura) de Blumenau. Todavia, não conseguiu aplacar os republicanos nem agradar aos correligionários. Sua administração durou apenas 27 dias num clima de grande exacerbação de ânimos.

A obra de Fritz Muller, editada pelo sobrinho Alfred Muller, também naturalista, compreende, além de *Für Darwin*, 248 monografias, artigos e relatórios, reunidos em quatro volumes. Sua fama ultrapassou as fronteiras do Brasil. Recebeu várias honrarias acadêmicas, como títulos de doutor *honoris causa* das universidades de Bonn e Tübingen.

Em 1893 sofreu uma grande tragédia com a morte da esposa Karoline. Quatro anos depois foi atacado de uma tromboflebite seguida de septicemia vindo a falecer. Roquete-Pinto descreveu-o *como homem raro, que conhecia o segredo de manusear as frágeis borboletas com os dedos calosos, que o machado e o enxadão jamais conseguiram inutilizar para as delicadezas do microscópio.*

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

CASTRO, Moacir Wernecke de. **O Sábio e a Floresta: a extraordinária aventura do alemão Fritz Muller no trópico brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

PIAZZA, Walter P. **Santa Catarina: sua história**. Florianópolis. Ed. da UFSC, 1983.